



Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS

**A EXPERIÊNCIA DO FEMININO FRENTE ÀS HOSTILIDADES DA CIDADE:
GÊNERO, CORPO, ARTE E GRAFFITI**

**THE EXPERIENCE OF THE FEMALE IN FRONT OF HOSTILITIES OF CITY:
GENRE, BODY, ART AND GRAFFITI**

**LA EXPERIENCIA DE LA MUJER ANTE LAS HOSTILIDADES DE CIUDAD:
GÉNERO, CUERPO, ARTE Y GRAFFITI**

Erna Barros¹

 10.21665/2318-3888.v9n18p331-344

RESUMO

A proposta deste artigo se volta a uma leitura do graffiti enquanto fenômeno urbano em diálogo com a estrutura da cidade como espaço de disputas a partir de uma perspectiva de gênero, buscando contribuir para uma discussão sobre o transitar das mulheres pelo ambiente público “por sobre os ombros” de grafiteiras que ressignificam estes espaços, apoiadas na representação de entendimentos sobre uma cidade pensada e planejada segundo uma ideia de universalidade do humano, ou seja, uma perspectiva hegemônica do masculino em detrimento do feminino. O texto busca refletir sobre a experiência das grafiteiras na Grande Aracaju, a partir de relatos apreendidos durante saídas para grafitar, junto a suas práticas cotidianas. Nesse contexto questões como o medo da cidade e a hostilidade de gênero são analisadas como formas de experimentar a cidade, compartilhando assim algumas impressões dessas saídas, apresentando as falas de algumas interlocutoras junto às impressões da autora sobre os caminhos que percorremos na cidade.

Palavras-chave: Graffiti. Mulheres. Gênero. Cidade.

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, mestra em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Faz parte do Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas - GERTs (UFS). E-mail: ernabarros@gmail.com.

ABSTRACT

The purpose of this article turns to a reading of graffiti as a phenomenon urban space in dialogue with the structure of the city as a space for disputes from a gender perspective, seeking to contribute to a discussion about the transition from women by the public environment “over the shoulders” of graffiti artists who resignify these spaces, supported by the representation of understandings about a city thought and planned according to an idea of the universality of the human, that is, a perspective hegemony of the masculine to the detriment of the feminine. The text seeks to reflect on the experience of graffiti artists in Greater Aracaju, based on reports seized during outlets for graffiti, along with their daily practices. In this context, issues such as fear of the city and gender hostility are analyzed as ways of experiencing the city, thus sharing some impressions of these departures, presenting the speeches of some interlocutors along with the author's impressions about the paths that we walked through the city.

Keywords: Graffiti. Women. Gender. City.

RESUMEN

El propósito de este artículo se dirige a una lectura del graffiti como fenómeno espacio urbano en diálogo con la estructura de la ciudad como espacio de disputas desde perspectiva de género, buscando contribuir a una discusión sobre la transición de mujeres por el entorno público “a hombros” de grafiteros que resignifican estos espacios, apoyados en la representación de entendimientos sobre una ciudad pensada y planificada según una idea de la universalidad de lo humano, es decir, una perspectiva hegemonía de lo masculino en detrimento de lo femenino. El texto busca reflexionar sobre La experiencia de grafiteros en el Gran Aracaju, con base en informes incautados durante puntos de venta de graffiti, junto con sus prácticas diarias. En este contexto, cuestiones como se analiza el miedo a la ciudad y la hostilidad de género como formas de vivenciar La ciudad, compartiendo así algunas impresiones de estas salidas, presentando los discursos de algunos interlocutores junto con las impresiones del autor sobre los caminos que caminamos por la ciudad.

Palabras clave: Graffiti. Mujeres. Género. Ciudad.

O medo e as hostilidades da cidade: uma perspectiva de gênero

O medo da cidade, e o enfretamento a ele, é uma das emoções que permeiam de forma cotidiana a experiência das mulheres na cidade. Essa experiência é dotada de muitas limitações, particularizadas na condição de gênero, que se reverbera também na experimentação da cidade no universo feminino do graffiti. A ameaça do assédio, por exemplo, é algo que inevitavelmente determina o local que o grupo de grafiteiras irá escolher para atuar, o horário das saídas, quem estará presente, entre outras táticas adotadas para que a atividade possa ser realizada.

O medo da cidade, bem como a coragem do enfretamento a ele, são duas “emoções” constantemente presentes durante saídas das mulheres nas ruas. Neste sentido, vale considerar a Sociologia das Emoções como campo de análise sociológica que estuda como a sociedade influencia a forma como sentimos o mundo que nos cerca, e como os fatores sociais, históricos e culturais constituem e administram nossas emoções, ou são por elas regulados.

Neste sentido, como aponta Koury (2009), o uso da categoria analítica das emoções busca uma observação das subjetividades, da dinâmica emotiva dos sujeitos e como ela atua nas dinâmicas e experiências apresentadas. Assim, os conflitos e problemáticas sociais perpassam a análise da dimensão emocional que orienta as ações do sujeito e à forma como ele atribui valor às coisas.

Segundo o autor, “a emoção medo é uma construção social significativa para a análise do social.” (KOURY, 2009, p.76). Entender, portanto, tal emoção e sua subjetividade como catalizadora de determinadas ações se configura como algo fundamental no contexto dos grupos de grafiteiras com os quais compartilhei essas experiências de um transitar na e através da cidade.

A experiência do graffiti feito por mulheres

A proposta a partir de agora é fazer reflexões que envolvam as sensações vivenciadas por mim enquanto pesquisadora e pelas grafiteiras que acompanhei, observando não apenas aspectos relacionadas ao medo que sentimos da cidade hostil às mulheres, mas à coragem de transitar por estes lugares e aos sentimentos ligados ao afeto, à confiança, e à sororidade que eram presentes nos momentos em que nos reuníamos em grupo.

A experiência dessas mulheres no espaço público e na experiência do grafitar esteve e está frequentemente cercada por muitos sentimentos. A sororidade talvez fosse o sentimento que mais se fazia presente, pois ligava-se à empatia e solidariedade de umas com as outras nos pequenos gestos e atitudes. Esse sentimento que une as mulheres em uma rede de companheirismo e solidariedade estava presente na atenção que as mais experientes davam às menos experientes, ensinando-as peculiaridades técnicas acerca da pintura na parede, do uso dos pincéis, das tintas, do spray; estava também no cuidado em observar a rua e os passantes, enquanto outras estavam desenvolvendo seus desenhos na parede; estava na forma como se tratavam, com extremo respeito umas aos trabalhos das outras ainda que houvesse diferenças de estilos e experiências; na forma como ofereciam ajuda para escolher, pintar ou guardar os materiais; todos os instantes envolviam um cuidado extremo em tornar aquele ambiente confortável para todas, um ambiente que refletia respeito nas falas, no tom de voz, nos gestos, no ouvir, no ensinar, no aprender.

Por isso, essas sutilezas, pertencentes à dimensão do que é sutil subjetivo, serão narradas a partir de um relato de como eu me relacionei com este cenário e com estas mulheres, enquanto pesquisadora e enquanto mulher.

Às vezes a gente precisa pintar de madrugada, mas eu nunca saí sozinha de madrugada. Pelo fato de ser mulher. Já meus amigos homens saem sozinhos de madrugada, mas a gente não, não é só o medo da polícia, é o medo do estupro, né? E pelo fato de ser mulher e estar mais sujeita a ser assaltada, é bem mais fácil do que homem. Geralmente os bandidos preferem assaltar a mulher do que o homem. Isso porque a gente as vezes não tem tanta força para reagir assim, e brigar, e assim se torna um alvo mais fácil. É

complicado nesse sentido, sair determinada hora e já não dá para ficar sozinha na rua, para pintar sozinha já é mais arriscado, a gente tem de estar sempre saindo de dia, e tem lugares que são bem movimentados, tem de ser depois de 9 horas da noite, e esse horário já é mais esquisito para a gente estar na rua sozinha. Outra coisa é estar com outra mulher, porque dá no mesmo, sinto que sempre temos de estar com um homem presente no rolê. Isso é uma coisa que limita um pouco as mulheres estarem no graffiti pelo fato de o graffiti ser uma arte em locais públicos, então tem esses riscos (Deza, em comunicação oral)².

A fala da grafiteira Deza reflete uma preocupação que extrapola o universo do graffiti feminino e está presente na experiência de diferentes mulheres que transitam pela cidade. Elas igualmente buscam desenvolver táticas para um transitar seguro na cidade, como aponta um levantamento da Action Aid³, publicado em novembro de 2016:

86% das brasileiras entrevistadas tomam alguma providência para se proteger de abordagens indevidas. Dentre as medidas, estão: fazer um caminho diferente do usual (55%), evitar parques ou áreas mal iluminadas (52%), ligar ou enviar mensagem para alguém confirmando estar bem (48%), solicitar a companhia de outra pessoa (44%), evitar transporte público (17%) e desistir de ir a um evento social (18%) (PRADO, 2017).

O caminho que percorrem para o trabalho, a escola, a academia, a creche, a padaria, etc. todos eles são determinados pela experiência vivida em relação às intimidações de cunho sexual que experimentaram durante a vida e que limitam sua mobilidade no espaço urbano. O medo que toma de sobressalto uma mulher no espaço público é um medo transpassado pela sua condição de mulher, e é ainda, a principal emoção que gerencia a forma como os trajetos no espaço urbano das ruas são estabelecidos.

A emoção como um fenômeno sociológico que pauta as práticas das mulheres no âmbito da cidade afeta, portanto, as mulheres de tal maneira, que é percebido nesse contexto

² Grafiteira DEZA em entrevista em Aracaju, 29 de julho de 2018.

³ Organização internacional que trabalha por justiça social, igualdade de gênero e pelo fim da pobreza

como mediador de uma forma de sentir a cidade, que se expressa em diversos comportamentos sociais.

“O medo geralmente dos homens é ser assaltado, mas meu medo é duplo, meu medo é ser assaltada e ser estuprada (Day, em comunicação oral⁴).

Esta frase, dita pela grafiteira Day, revela por sua vez, o quanto as questões de gênero ainda estão permeando a experiência da mulher no espaço público, seja ela grafiteira ou não.

Nas grandes cidades brasileiras, as mulheres não ocupam o espaço urbano da mesma forma que os homens, por medo da violência de gênero. Tendem a evitar lugares como becos, pontes e passarelas, pensam horários e roupas antes de sair de casa e fazem desvios em seus caminhos, enquanto essas não são preocupações masculinas (Observatório das Metrôpoles, 2018).

Evitar o assédio e a intimidação masculina se torna uma luta diária para mulheres que encontram no seu transitar pela cidade um verdadeiro enfretamento social. Da porta de casa para fora, tudo é hostil: o assédio, o olhar malicioso, a cantada agressiva, mas também as estruturas de uma passarela fechada, uma rua mal iluminada, um ponto de ônibus sem estrutura, um terreno baldio, um ônibus cheio propenso ao assédio, tudo contribui para uma experiência limitante nos espaços da cidade.

O documentário “Sob constante ameaça”, produzido pela Agência Pública de Jornalismo em 2018 mostra como essas rotinas são vivenciadas, a partir das falas de mulheres e de uma perspectiva da câmera que acompanha o “caminhar” de uma mulher pelas ruas da cidade.

⁴ Grafiteira DAY em entrevista em 29 de julho de 2018, em Aracaju-SE.

De maneira análoga, busquei enquanto pesquisadora também “acompanhar” essas mulheres e este caminhar, em horários diferentes, e em lugares que normalmente não transitaria.

“Para mim é uma dificuldade muito grande estar na cidade em qualquer horário. Pelo dia, principalmente à noite, em qualquer lugar. Sempre tive esse medo de andar só. Pelo dia ainda consigo, mas pela noite sempre tenho medo. Sempre tenho medo de pegar transporte público. Tenho medo de andar sozinha nas ruas, principalmente nas ruas. É difícil ser mulher, e é difícil ser mulher transitando e ocupando espaços na cidade. Mas toda iniciativa e todo trabalho que é feito em todos os espaços é uma forma de a gente conquistar esses lugares. Primeiro me sinto segura por estar com pessoas que já tem experiência disso (graffiti), e segundo por estar em grupo, me deixa mais segura em relação ao espaço e à experiência” (Day, comunicação oral)⁵.

As pessoas normalmente quando passam, os carros, quando veem que tem homens normalmente elas não mexem, mas quando veem que só tem mulheres elas tiram mais ousadia, buzinam, querem parar, e a gente se sente com um pouco de medo. Eles querem até parar para ficar perguntando o que você está fazendo, mas com perguntas bem salientes, e dependendo do local a gente pode até querer parar, recuar, se sentir com medo e parar, mas tem alguns lugares que dá para trocar uma ideia e continuar o trabalho (Coruja, comunicação oral)⁶.

“Agora eu só me sinto segura porque eu estou acompanhada. Sozinha, nem a pau, muito menos aqui. É o estupro, é a violência, a violência do geral, qualquer tipo, até o olhar faz medo. Eu enquanto criança era assediada diariamente, não podia sair de manhã cedo. Quando saía passava sempre algum cara, ou até vizinhos chamavam para conversar, ficavam pegando e beijando minha mão. Eu era guria, com 10 ou 11 anos de idade. E aí eu tinha muito medo de qualquer movimento. Sair de casa era complicado. Temos que tomar cuidado com horários, roupas, lugares, pessoas, formas, transportes, tudo. A iluminação influencia muito nisso. Você vê praças muito bem planejadas para uso coletivo, mas de noite não há iluminação nenhuma. Então acabam virando o quê? Lugares esquisitos de pessoas para

⁵ Grafiteira DAY em entrevista concedida a mim em Aracaju, 29 de julho de 2018, em Aracaju-SE.

⁶ Grafiteira CORUJA em entrevista concedida a mim em Aracaju, 29 de julho de 2018, em Aracaju-SE.

usar drogas, fumar, não é habitado pela população, se torna um lugar marginalizado” (Clara, comunicação oral)⁷.

Todos os relatos constituem para estas grafiteiras uma experiência semelhante às vivenciada por outras mulheres, em seus percursos cotidianos. Fica claro que o medo ainda possui lugar de destaque em todos os discursos, no entanto, ele não impede estas mulheres de atuarem no universo do graffiti e reivindicarem suas agências na cidade.

Quando grafitam, elas agregam para si outras formas de se relacionar com a cidade, experimentando necessariamente outra cidade, com a qual interagem, somam suas vivências e também sua história. Podemos pensar o quão significativo é para uma mulher estar nas ruas, no espaço público da cidade, interferindo ativamente em sua paisagem. As mulheres que grafitam se impõem à cidade hostil, provocadas por e agindo contra o medo, e assim legitimam suas presenças e reivindicam uma agência na cidade a partir de um fazer de resistência.

Quando o corpo feminino se mobiliza no transitar pela cidade, atuando sobre ela, tanto sua ação como as marcas que deixa são precisamente formas de resistência. O corpo da mulher e sua presença tanto quanto sua manifestação se defrontam com uma construção social que divide os corpos na sociedade entre “um que aparece publicamente para falar e agir e outro, sexual, pulsante, feminino, estrangeiro e mudo, que geralmente é relegado à esfera do privado [...]”. (BUTLER, 2018, p. 95).

Segundo Butler (2018, p. 95) nosso aparecimento enquanto indivíduos na sociedade tem de ser registrado pelos sentidos, não apenas os nossos, mas os de alguém mais. Esse “aparecimento” dos corpos de quem grafita surge então, no contexto das grafiteiras, através das inscrições deixadas nas ruas, e ainda que esta presença não seja corporal, ela está lá, mediada pela mensagem deixada, pelo conteúdo oferecido, pela forma e pela dimensão estética de um fazer político, enfim, por uma agência feminina na cidade que se manifesta no enfrentamento do medo e na resistência à invisibilidade de suas ações.

⁷ Grafiteira CLARA em entrevista concedida a mim em 29 de julho de 2018, em Aracaju-SE.

Neste sentido, o tema do medo aqui trabalhado tem relação tanto com a constante ameaça da violência a que as mulheres estão submetidas na sociedade, quanto em relação a uma realidade de violências de gênero nas cidades que estão para além desta ameaça. O espaço público como vimos é um espaço onde a violência contra a mulher ocorre de maneira significativa a partir de agressores que são estranhos à vítima, nas ruas, no ônibus, etc.

Ou seja, parte da questão do medo enquanto emoção tem relação com a ideia de a cidade ser violenta, e para as mulheres ser ainda mais violenta. O assédio, a importunação, a violência sexual são ameaças constantes no dia-a-dia das mulheres, e essas ameaças permeiam tanto um imaginário social construído a partir da ideia de que o espaço privado é mais seguro que o espaço público, quanto as memórias e vivências das mulheres ao longo da vida.

É importante entender que a ideia de violência que gera a sensação de medo nas mulheres que transitam no espaço público parte de ações intimidadoras que a grande maioria delas já vivenciou. Falar de violência de gênero não implica pensar apenas em situações extremas como o assédio ou o estupro, mas em práticas corriqueiras do universo feminino que tem de lidar cotidianamente com o machismo em suas mais variadas manifestações.

Falo de formas de assédio no espaço urbano que incluem assobios, olhares intimidadores, comentários constrangedores, muitos deles de cunho sexual e revestidos “galanteios” ou “elogios”. Práticas que dificilmente entram nos dados estatísticos da violência contra a mulher, mas que fazem parte de uma lógica machista que guia comportamentos masculinos, ainda que os agressores não se deem conta de que estão cometendo assédio.

Por isso, esta sensação de que o espaço público é violento, tem relação direta com uma urbanização e uma representação do espaço público da cidade, como sendo perigoso e ameaçador (principalmente aqueles que não são feitos para se estar ou circular, ou para se estar e circular em determinadas horas), bem como tem relação direta com experiências de assédio vivenciadas pelas mulheres ao longo de suas vidas.

Pesquisa realizada pela ONG internacional AcionAid apontou que 86% das mulheres brasileiras já sofreram assédio em público em suas cidades. Esse cenário revela que há uma prática vigente nos espaços públicos que contribui para o surgimento da sensação de medo na cidade e somado a isso, é necessário considerar que existe uma construção histórica no imaginário social que entende o espaço privado, do lar, da família, como o espaço seguro, principalmente para as mulheres. Esses fatores contribuem juntos para a manutenção da desigualdade de gênero em diversos âmbitos da sociedade, como na participação política, nas disputas pela vida e também pela agência nos espaços públicos.

“Fiu-fiu, desconcentrou a grafiteira adolescente, que cortava o aço do trem com a tinta da lata, fiu-fiu desconcertou também a grafiteira do Cairo, que descobriu num rasgo de roupa que a praça é pública, mas não para ela. Fiu-fiu que faz a menina ter medo de sair da rua, medo de uma cidade que como seus prédios é fálica e desenhada para ser habitada por homens. E não fica no assovio agudo a violência da cidade hostil à mulher [...]. A violência ruge do lado de fora [...]” (GARCIA, s/d).⁸

O graffiti como uma forma de resistir à cidade constitui um diálogo crítico com estruturas que reproduzem o pensamento de um dado planejamento de lugares hostis à presença das mulheres. A fala de diferentes grafiteiras, que a bem dizer, “consomem” a cidade de forma mais emblemática que outras mulheres no espaço público, revelaram, como já vimos, discursos de um medo da cidade perpassado pela experiência de ser mulher no espaço público. A grafiteira circula, por exemplo, por ruas, passarelas, viadutos, terrenos que muitas vezes são evitados por outras mulheres em consequência das diversas ameaças de violências de gênero existentes na cidade.

⁸ Integrante da ONG Promenino, em texto intitulado “Cidades hostis e meninas grafiteiras que as ocupam”, disponível em <http://fundacaotelefonica.org.br/promenino/cidades-hostis-e-meninas-grafiteiras-que-as-ocupam/>.

Uma cidade muda não muda

É notório que a infraestrutura urbana e o acesso a serviços de transporte, saúde, educação e a equipamentos de cultura e lazer estão concentrados em determinadas regiões da cidade, onde vivem moradores de mais alta renda. No entanto, há outras desigualdades que, manifestas de múltiplas formas, têm por base o machismo, o racismo e as diversas discriminações vigentes na nossa sociedade. Nunca é demais ressaltar o quanto a igualdade de gênero se impõe como princípio a ser perseguido para a construção de cidades mais inclusivas, solidárias e democráticas (SOUTO, 2017, p. 70).

Sabemos que a conquista dos espaços públicos pelas mulheres perpassa uma histórica luta feminista contra as desigualdades de gênero e por direitos. Revisitar algumas dessas lutas me ajudou a entender como os espaços atualmente se oferecem como possibilidade de disputas na vida cotidiana das mulheres, seja diante da necessidade de uma melhor mobilidade urbana, seja na disputa por representação ao qual o graffiti se coloca como protagonista.

Ficou muito perceptível que apesar do número de grafiteiras ser menor que o de grafiteiros, essa atividade do ponto de vista da execução de práticas por mulheres, é bastante crescente. Neste sentido, o contato com as estruturas da cidade me possibilitou uma análise a partir de uma sociologia voltada aos sentidos de um corpo que transita por sobre um território em conflitos sociais, de gênero, culturais e políticos. A relação entre o corpo feminino e a subjetividade da prática do graffiti me deu ainda, a possibilidade de perceber e distinguir os sentidos atribuídos por esses corpos frente à cidade na qual atuam.

Quando as mulheres assumem o status de produtoras e não apenas reprodutoras na sociedade elas organizam seus modos de existir em sociedade a partir da constituição de um corpo que sente a interação com o mundo. A cidade deve ser construída para as pessoas, para suas trocas, para o lazer, para o fazer político, mas isso não acontece quando a perspectiva de gênero é invisibilizada, ou quando as mulheres não são ouvidas.

Assim, a resistência através da tinta na parede é uma proposta de presença, do “estou/estive aqui”, que para as grafiteiras possui uma dimensão social enquanto agência na cidade bastante significativa. Afinal, como afirma Ferrara (1988) não podemos considerar os espaços da cidade como simples produtos de demarcações administrativas, como edificações, fachadas arquitetônicas, vias urbanas e outros.

Nas paredes estão fincadas também identidades, vivências demarcadas por um transitar imbricado de sentidos e emoções. Estar na rua grafitando, para as mulheres, é transgredir a ideia de que elas deveriam estar no seio do lar cuidando da família, na segurança do espaço privado. Na rua, elas também constroem uma dimensão quase familiar, em um núcleo de mulheres que, juntas em grupos, protegem-se e apoiam-se através de um sentimento de sororidade.

A identidade, nesse contexto, é um fator que reflete um paradigma da relação entre as mulheres com a cidade, elas com seus pares e elas com elas mesmas, diante do muro frente às questões sociais que as acompanham. E nesse cenário, é o machismo que ainda faz da cidade um espaço extremamente opressor para as mulheres, pelo assédio vivenciado diariamente no ambiente público, pela violência urbana e por tantos outros fatores que perpassam as violências de gênero e que, necessariamente, confluem para o medo da cidade.

Dessa forma, as experiências cotidianas das mulheres nos espaços públicos urbanos constituem importantes termômetros para pensarmos a cidade e suas possíveis mudanças. Entender a cidade a partir das percepções do corpo feminino foi algo observado, primeiramente a partir de minha própria experiência como pesquisadora transitando pela cidade, e segundo a partir dos relatos das grafiteiras acerca de uma cidade que não pode emudecer, e que deve gritar a partir de seus graffitiis. Falar sobre como a mobilidades das mulheres na cidade é modificada pela forma como o corpo feminino é tratado no espaço público, é tocarem um problema social que urge ser solucionado.

Neste sentido, ficou perceptível que a prática do graffiti e seu resultado nos muros são também uma tentativa de tocar nessa ferida e que a agência estetizada das mulheres, surge nesse contexto como ferramenta importante de mudança no fazer a cidade, atuar na cidade, existir na cidade.

A cidade hostil às mulheres se reveste de diferentes particularidades, umas mais objetivas outras pertencentes a dimensões mais subjetivas da experiência feminina no espaço urbano. Ambas, impondo vivências limitantes, incômodas e algumas vezes violentas às mulheres. Contudo, através da ocupação dos muros da cidade pelo graffiti, muitas vezes provocada pela hostilidade do espaço urbano, a cidade é confrontada e transformada. Neste sentido, estes espaços, se vistos e planejados sob a perspectiva do gênero, considerando uma escuta às mulheres em suas reivindicações, falas e posicionamentos, poderiam proporcionar uma experiência diferente e mais próxima do exercício de um direito à cidade que considere a liberdade de escolha, de trânsito e de acesso aos recursos urbanos de forma ampla e irrestrita.

Assim, quando busquei refletir sobre a invisibilidade histórico-social da agência feminina na cidade, bem como sobre a atuação de mulheres que enfrentam essa realidade, como as grafiteiras, apontei para formas de resistir, mas também de existir neste espaço. Estive tão próxima a eles que pude ver e sentir, sozinha ou acompanhada, de dia ou de noite, os quão intimidadores eles podem ser e como é possível encará-los e ressignificá-los, principalmente quando há partilha, respeito, sororidade.

Esse texto sugere, portanto, uma forma dentre tantas outras de olhar para a cidade, levando em conta a experiência de um caminhar em constante encantamento pelas imagens urbanas do graffiti, que ultrapassam a barreira daquilo que se supõe individual e ancoram-se na perspectiva de um “falar” e de um “ouvir” que é, acima de tudo, coletivo.

Referências

FERRARA, Lucrecia d'Aléssio. *Ver a cidade: cidade, imagem, leitura*. São Paulo, Nobel, 1988.

SOUTO, Anna. *Gênero e Cidades: Violência, Assédio E Exclusão in Direito à Cidade: uma outra visão de gênero* - São Paulo: IBDU, 2017. Disponível em http://wp.ibdu.org.br/wp-content/uploads/2019/04/DIREITO-%C3%80-CIDADE_OUTRA-VIS%C3%83O-GENERO.pdf, acesso em 18/dez de 2019.

BUTLER, Judith. *Gender trouble. Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Emoções, Sociedade e Cultura: A categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia*. Curitiba: Editora CRV, 2009.

FREITAS, Carolina. *Estudos Feministas sobre a Questão Urbana: Abordagens e Críticas*. Natal Anais XVIII ENANPUR, 2019. Disponível em <http://anpur.org.br/xviiienganpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=967> Acesso em 22 de fevereiro de 2020.

ECKERT, Cornélia. *A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre*. Iluminuras: V. 03. n. 6, 2002.

CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000

Recebido: 15.10.2021
Aprovado: 31.12.2021